

Quem são as elites que dominam o mundo?

Um estudo compara 16 países que representam 54% do PIB mundial

Por Simon Kuper

Valor, 15/04/2025

Como cada país escolhe sua elite econômica? Quais são as diferenças entre, digamos, a elite americana e a chinesa? O novo Banco de Dados Mundial da Elite (WED na sigla em inglês) oferece os melhores dados comparativos até o momento, obtidos de 16 países que representam um terço da população do planeta e 54% do PIB mundial. Um de seus primeiros frutos é o fascinante estudo “Varieties of Economic Elites? Preliminary Results From the World Elite Database” (Tipos de elites econômicas? Resultados preliminares do Banco de Dados Mundial da Elite).

Primeiro, uma ressalva. Via de regra um país tem três elites distintas, e muitas vezes rivais: a política, a cultural e a econômica. O WED define a elite econômica em específico como uma combinação de três grupos: chefes de grandes empresas, ricos proprietários de ativos e políticos e outros envolvidos na regulamentação da economia.

O estudo mostra que as elites econômicas são ainda mais dominadas por homens do que as elites culturais e políticas. Mas em outro sentido elas têm convergido com as elites rivais. A elite econômica está cada vez mais credenciada, em geral com títulos de mestrado e doutorado em administração de empresas, economia ou direito.

O desprezo centenário da elite cultural pelas vulgares elites econômicas está ficando insustentável. Dentro das elites econômicas, o grupo menos educado é formado pelos proprietários de ativos, do tipo dos herdeiros italianos de empresas familiares.

Cada elite tem credenciais educacionais específicas para admissão. O critério britânico histórico é um diploma universitário de Oxford ou Cambridge. De que área é o diploma tem menos importância. No Reino Unido, 13% da elite econômica se formou em ciências humanas, a maior proporção para essa área entre os 16 países do WED. Por outro lado, a Alemanha não tem universidades de elite e, assim, 36% de sua elite econômica se diferencia ao fazer um doutorado.

Uma vez que uma família consegue entrar para a elite, é frequente que se mantenha nela até que guerras ou revoluções destruam a ordem existente. A “longa paz” do Ocidente desde 1945 permitiu que as elites se reproduzissem, recrutando os próprios filhos. Os membros da elite francesa, por exemplo, cada vez mais nascem no centro de Paris. Isso reduz o espaço para provincianos ambiciosos.

Os membros de elites estáveis tendem a ser mais velhos. A idade média dos integrantes das elites econômicas em 15 países do WED varia de 55 a 60 anos. Nos EUA, é de 62 anos. Por que um país conhecido pelo dinamismo econômico tem a elite mais velha de todos?

Uma explicação vem do economista Thomas Philippon: as grandes corporações americanas se apoderaram do sistema político e dos órgãos reguladores, bloqueiam o acesso de novos participantes e estabelecem monopólios e oligopólios. Pense no Facebook comprando seus concorrentes em ascensão, o WhatsApp e o Instagram. Em grande medida, foi assim que a elite tecnológica americana que surgiu entre 1995 e 2004 se manteve no topo.

Em contraposição, a Polônia e a China, que entraram no capitalismo mundial tardiamente, têm as elites econômicas mais jovens, em especial no que diz respeito a chefes de empresas e proprietários de ativos. A elite chinesa tem outras características incomuns.

Seus membros têm mais probabilidade de terem nascido em áreas rurais do que qualquer outra elite nacional, e cerca de

34% se formaram em engenharia, a segunda maior proporção nessa área, só superada pelo Chile.

Cheng Li, da Brookings Institution, observa que na China muitos dos responsáveis pela tomada de decisões políticas e econômicas têm formação em aeronáutica e astronáutica e especializações nas áreas de tecnologia da informação, tecnologia nuclear e aeroespacial, construção naval, redes 5G, robótica, ciência dos materiais, ciências da vida, ciências ambientais e inteligência artificial. A elite americana é mais voltada para a área das finanças.

Com bastante frequência, os tecnocratas chineses de hoje estudaram no Ocidente, no Japão ou em Cingapura. Isso se encaixa em uma tendência mais ampla de membros das elites econômicas frequentarem cursos no exterior, e cada vez mais em escolas de administração de empresas como a Harvard Business School e o Institut Européen d'Administration des Affaires (Insead). Algumas elites estão se tornando internacionais. No Reino Unido, 45% da elite econômica é composta por pessoas nascidas em outros países.

Como as elites de hoje podem sobreviver ao populismo? Uma resposta é se reformular. Desde o choque antielitista do Brexit no Reino Unido, Oxford e Cambridge diversificaram seus processos de admissão. Hoje, 1 em cada 7 estudantes britânicos de Oxford vêm de grupos mais desfavorecidos do Reino Unido em termos socioeconômicos.

Em 2023, 29% dos estudantes admitidos na universidade eram negros ou de minorias étnicas. Isso é superior à proporção de negros e de membros de minorias étnicas na população em geral para essa faixa etária, mas não por causa de algum tipo de ação afirmativa que dê mais oportunidades a grupos minoritários: pessoas negras e de minorias étnicas têm notas excelentes nos cursos qualificatórios para o ingresso em universidades de uma maneira desproporcional em relação ao grupo etário como um todo.

Neste caso, de novo, a elite americana está mais bem entrincheirada. As principais universidades americanas praticam

ações afirmativas destinadas a pessoas ricas, com o uso de métodos como educação primária e secundária com financiamento muito desigual, matrículas e mensalidades caras e admissão preferencial para pessoas bem relacionadas.

Um estudo de 2019 verificou que 43% dos estudantes brancos admitidos em Harvard eram atletas recrutados, filhos ou descendentes de ex-alunos ou de funcionários ou tinham parentes que fizeram doações para a universidade.

Dizem que é difícil chegar ao topo, e ainda mais difícil continuar lá. Para as elites, porém, se manter lá pode ser bastante fácil.

Tradução de Lilian Carmona